

Estereótipo e paráfrase, resistência e polissemia: charges sobre educação em uma perspectiva da Análise do Discurso

Marcos de Sá Costa*

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo compreender os processos de produção dos sentidos sobre educação no Brasil através de charges que tematizam o ambiente escolar. Para tal selecionamos nove charges que abordam a educação contemporânea no Brasil. Este estudo segue os pressupostos teóricos da Análise de Discurso. As análises mostram que, no funcionamento discursivo das charges, há um trabalho de resistência que se opõe a uma leitura única para os acontecimentos ligados à escola no Brasil. Esse trabalho de resistência é posto em jogo pelo funcionamento do silêncio e do humor. Teve destaque a análise das posições-sujeito professor, família e aluno.

Palavras-chave: discurso; charge; estereótipo; paráfrase; resistência; polissemia.

Este trabalho é resultado de questionamentos que surgiram quando me deparei com as tensões da vivência escolar. Observei um funcionamento escolar que se diferenciava do que eu havia vivido como aluno. Agora, como professor, algo me incomodava. Era possível perceber, na minha prática docente, que a relação aluno/professor não era mais a mesma de outrora. Com efeito, observar a escola do lugar do aluno e do lugar do professor requer consentir em mudanças discursivas. Os pontos de vista não são equivalentes. Mesmo assim, advertido da diferença fundamental dessas duas posições, foi possível observar que algo havia mudado, ou, pelo menos, estava mudando.

Dentre as muitas questões que se colocaram neste trabalho, temos, como principal, o questionamento sobre a existência de possíveis mudanças nas subjetividades contemporâneas, conforme o pensamento psicanalítico, de acordo com Lebrun (2004; 2008) e Melman (2008), e filosófico, de acordo com Dufour (2005; 2008).

A relação aluno/professor não era mais uma relação de cumplicidade visando à aprendizagem. A partir daí a Análise do Discurso me possibilitou pensar diferente. Buscamos, então, com este trabalho, observar o que estava sendo dito sobre a relação professor/aluno na mídia, mas queríamos algo que colocasse em pauta a tensão existente na relação professor/aluno. Foi assim que chegamos às charges sobre educação, *corpus* do nosso trabalho.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense, com a dissertação **Estereótipo e paráfrase, resistência e polissemia: charges sobre educação em uma perspectiva da Análise do Discurso**, orientada pela Professora Doutora Bethania Mariani. E-mail: marcoscosta@gmail.com

Notamos que as charges apresentam outra pauta de leitura para essa relação. Por vezes, uma leitura que incomoda o discurso escolar. Um discurso escolar que assume a responsabilidade – e a culpa – pelo sucesso ou fracasso do processo de ensino-aprendizagem. As charges sobre educação no Brasil apresentam uma abordagem discursiva da tensão professor/aluno que desestabiliza sentidos e aponta caminhos.

Tomamos as charges sobre educação como um objeto simbólico, dotado de historicidade, atravessada por discursos outros, imersa nas relações de força, ou seja, como um exemplar de discurso. As charges sobre educação no Brasil se colocam na contramão do sentido único, da sedimentação dos sentidos. As charges jogam com os sentidos estabilizados, apontam caminhos, desconstroem um imaginário sobre escola no Brasil.

Pudemos depreender que esse funcionamento que tende a desestabilização dos sentidos se dá pelo jogo entre as diferentes materialidades que a compõe. O verbal e a imagem funcionam nas charges como “ponto de fuga de sentidos” (ORLANDI, 2006 [1999; 1988]).

O funcionamento polissêmico das charges pôde ser observado, em nosso, trabalho de diversas perspectivas. Por vezes o funcionamento do estereótipo oferece lugar à polissemia na sua relação constitutiva com o verbal. Outras vezes, a polissemia se instala pelo funcionamento do silêncio, que corrobora com o não fechamento da interpretação, que fica a cargo do leitor. Outras vezes os sentidos são desestabilizados pelo funcionamento do humor, que joga com as mazelas do ensino por outra perspectiva, que não a do sofrimento, oferecendo lugar à outra leitura das tensões escolares.

Trabalhamos, portanto, as charges sobre educação no Brasil a partir dos conceitos de paráfrase, polissemia, em Orlandi (1998), estereótipo, resistência, em Orlandi (2007 [1992]) e Ferreira (1993), silêncio em Orlandi (2007 [1992]) e humor em Freud (1905; 1927). Ainda nos apoiamos no conceito de composição de Lagazzi (2009), pelo qual afirma que as diferentes materialidades não funcionam em complementaridade, mas em composição, uma fazendo trabalhar a incompletude na outra e, também, no conceito de Davallon (2007) que concebe a imagem com um operador de memória social. Nossas reflexões incidiram sobre alguns questionamentos básicos, dentre os quais explicitamos, agora, os mais relevantes:

1 – Seria possível identificar uma crise de legitimidade do lugar do professor? Uma legitimidade definida, em termos discursivos, como histórica, fruto de sedimentações semânticas inscritas na historicidade de uma época e tributárias de uma memória histórica das relações de força inscritas na sociedade.

2 – Com relação à posição sujeito aluno, é possível observar traços de uma nova subjetividade, ou, pelo menos, traços de uma mudança nas

subjetividades contemporâneas? Haveria ligação entre a crise de legitimidade do lugar do professor e a existência de mudanças nas subjetividades?

Estes foram nossos questionamentos mais relevantes, que se desdobraram em uma observação da produção de sentidos através do humor, do silêncio, do estereótipo e da resistência. Buscamos, ainda, verificar o efeito do funcionamento do mercado na produção de sentidos das charges. Procedimento que teve em Payer (2005) e em Dufour (2005; 2008) o seu ponto de partida, pois ambos postulam um possível funcionamento de um novo grande sujeito na contemporaneidade: o mercado.

Nosso trabalho de análise, portanto, incidiu sobre: as posições-sujeito família, professor e aluno; sobre o espaço escolar; o funcionamento do silêncio nas charges produzindo gestos de resistência a sentidos estabilizados; a resistência através do funcionamento do humor e o efeito do mercado na produção de sentidos das charges.

Com esse trabalho foi possível verificar um processo de produção de sentidos que coloca o professor como um sujeito deslegitimado a cumprir o seu papel e a posição sujeito aluno, por sua vez, também figura no pólo do fracasso. Ora por suas notas, ora pela realidade escolar que não lhe permite aprender devido as suas mazelas. Mas para a posição aluno, verificamos outro sítio de significação que não o do fracasso. Verificamos um sujeito que tudo quer, tudo deseja, tudo pode. Um sujeito que não reconhece limites sociais, que não respeita hierarquias, que põe todas as coisas no mesmo plano de negociações. Traços de uma subjetividade sem limites, nas palavras de Lebrun (2004). Um sujeito sem amarras, que não se submete, não se inscreve em regras sociais. O que corrobora com o questionamento sobre o possível surgimento de uma nova forma sujeito.